

O Estado de Minas – 22/02/2008

Brasil e Argentina disputam gás boliviano

Em visita oficial ao país vizinho desde ontem, Lula terá que decidir hoje se o Brasil vai ou não atender o apelo da presidente Cristina Kirchner e ceder parte do que importa

Buenos Aires – Luiz Inácio Lula da Silva resistiu ao charme da presidente da Argentina, Cristina Kirchner. Não quer ceder uma parcela do gás natural que recebe da Bolívia. Numa conversa classificada como “amistosa e franca” pelo chanceler brasileiro, Celso Amorim, os presidentes expuseram, cada um suas necessidades. Hoje a discussão continua com a presença do presidente boliviano Evo Morales. Lula propôs que também participem da conversa técnicos do setor. O Brasil deve oferecer aos argentinos diferentes tipos de energia, menos gás.

O presidente da Petrobras, Sérgio Gabrielli, não participou da conversa privada entre Lula e Cristina. Ainda assim, ele deu o tom do diálogo entre Brasil e Argentina, depois da solenidade na Casa Rosada, onde foi assinado um amplo acordo de cooperação em diferentes áreas. Gabrielli disse que o Brasil precisa de “cada molécula” dos 30 milhões de metros cúbicos de gás que importa diariamente da Bolívia.

“Isso não quer dizer que a Petrobras não seja sensível às necessidades do mercado elétrico da Argentina. A Petrobras está disposta a analisar algumas possibilidades de fornecimento elétrico em momentos emergenciais, viabilizando geração elétrica adicional para exportação”, ponderou Gabrielli. Ele revelou que equipes dos dois países estão realizando estudos para encontrar outras fontes de energia que possam ser fornecidas à Argentina, para atender a demanda que o país precisa. Na lista de opções estão termelétricas a óleo combustível e a gás natural GNL. O gás natural, contudo, é mais barato que a energia elétrica. Portanto, o presidente da Petrobras admite corrigir a eventual diferença de preços.

A Bolívia tem problemas para superar, este ano, seu teto de produção de 42 milhões de metros cúbicos diários de gás, vendidos com prioridade para o mercado brasileiro. São Paulo importa 31 milhões de metros cúbicos, ante um consumo interno de 6 milhões de metros cúbicos na Bolívia. Os 5 milhões restantes deveriam ser enviados para a Argentina, conforme reza o contrato assinado em julho de 2006 entre o ex-presidente Néstor Kirchner e Evo Morales. O problema é que, nos últimos meses, a Argentina tem reclamado que o volume que recebe varia entre 2,5 milhões a 4 milhões de metros cúbicos, insuficientes para atender a demanda ou cumprir o contrato previsto para 2008, de 7,7 milhões de metros cúbicos. A Bolívia propõe que o Brasil ceda à Argentina uma parte do gás que importa.

Na disputa pelo gás boliviano, paira no ar a possibilidade de se retirar o gás consumido pela Petrobras Energia, cuja sede fica em Buenos Aires. Gabrielli negou pressões do governo argentino para que a Petrobras ceda uma parte da cota de gás que compra da Bolívia. “Nós temos uma relação boa com a Argentina. É uma relação típica de todas as empresas petrolíferas energéticas com os governos dos seus países. É uma relação de amor e ódio”, afirmou.

A alternativa que deverá ser colocada na mesa pelo Brasil é polêmica. Apesar de ter escapado do risco de sofrer racionamento de energia em 2008, por causa das fortes chuvas das últimas semanas, o Brasil ainda trabalha com um déficit estrutural de 1,3 mil megawatts (MW) médios este ano. “De jeito nenhum teremos energia para vender à Argentina. Esse déficit foi a razão da insegurança que tomou conta do país em janeiro, quando não tínhamos garantia de energia suficiente para o crescimento do país em 2008”, afirma o presidente do **Instituto Acende Brasil, Cláudio Sales**.

Testemunhas negam roubo no porto do rio

Representantes do terminal de cargas Poliportos negaram, em depoimento na Polícia Federal, que tenha ocorrido violação do contêiner e da caixa com dados da Petrobras no período em que permaneceram no porto, no Rio. Policiais que acompanham o inquérito haviam considerado o terminal como o local provável do roubo. “Para a Poliportos, não houve qualquer quebra de lacre ou destruição de cadeado no terminal. A carga chegou e saiu sem nenhum tipo de rompimento ou quebra de lacre”, disse ontem, por diversas vezes, o advogado Luiz Henrique Damazo. Ele

acompanhou os oito conferentes da empresa intimados a prestar depoimento. As informações relevantes sobre o poço de Júpiter, recém-descoberto pela Petrobras na Bacia de Santos, estavam em dois discos rígidos de um computador e em quatro notebooks, furtados no percurso entre a plataforma NS-21 e a sede da empresa americana Halliburton, em Macaé. (Colaborou Zulmira Furbino)